

A literatura contemporânea vista a partir das personagens Joana, de Bernardo Kucinski, e Alice, de Maria Valéria Rezende

Contemporary literature seen through the characters Joana, by Bernardo Kucinski, and Alice, by Maria Valéria Rezende

Deisiane Ferreira de Souza¹ , Olga Valeska Soares Coelho¹ ,

¹ Centro Federal de Educação e Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

A contemporaneidade das obras literárias é um assunto de grande interesse dos estudiosos e que se apresenta como uma questão de extrema complexidade, devido principalmente à dificuldade para se definir o que é contemporâneo. A partir da teoria desenvolvida por Giorgio Agamben a respeito do assunto, pretende-se analisar aqui dois textos escritos na última década: *Joana*, um conto do livro *Você vai voltar pra mim*, de Bernardo Kucinski, e *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende. O intuito é observar pontos em que as narrativas se cruzam e compreender como as personagens que protagonizam essas histórias são construídas. Para empreender tal análise o foco será o trânsito urbano dessas personagens.

Palavras-chave: Bernardo Kucinski; Maria Valéria Rezende; Contemporaneidade; Trânsito urbano.

ABSTRACT

The contemporaneity of works of literature is a subject matter of great interest to scholars and presents itself as an extremely complex issue mainly due to the difficulty in defining what contemporary really is. Under the framework of Giorgio Agamben's theory on the topic, we intend to analyze two texts written during the last decade: *Joana*, a short story from the book *Você vai voltar pra mim*, written by Bernardo Kucinski, and *Quarenta dias*, by Maria Valéria Rezende. The purpose of this article is to observe crosspoints between the two narratives and to understand how the characters from both stories are built. To understand such analysis, the focus will be people's movement within the city.

Keywords: Bernardo Kucinski; Maria Valéria Rezende; Contemporaneity; Movement within the city

INTRODUÇÃO

Giorgio Agamben inicia o seu texto *“O que é o contemporâneo?”* questionando de quem e do que somos contemporâneos. A partir dessas perguntas somos levados a refletir sobre o sentido da palavra e o modo como ela é usada para se referir a autores e livros nos estudos atuais. Agamben defende que a contemporaneidade é referente não ao ano em que algo ou alguém nasce, mas sim à forma como se relaciona com o próprio tempo. O autor propõe ainda uma segunda definição:

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009, p. 63).

Com isso, podemos compreender a contemporaneidade da literatura como a relação particular e profunda que alguns autores estabelecem com o próprio texto e com os demais poetas. Podemos pensar, segundo essa teoria, que dois autores podem manter uma relação de contemporaneidade tendo nascido em séculos diferentes. Ou, ainda, escreverem durante o mesmo período, sem que, no entanto, sejam contemporâneos, uma vez que podem ter olhares muito distintos para o mundo.

O já clássico texto *“Kafka e seus precursores”*, de Jorge Luis Borges, complementa a ideia desenvolvida por Agamben ao mostrar que um autor cria seus precursores. Para Borges, muitos autores são precursores de Kafka e estão ligados entre si devido à existência das obras kafkianas. Ou seja, sem a existência de Kafka esses autores nada teriam em comum.

[...] os heterogêneos textos que enumerei parecem-se a Kafka; se não me engano, nem todos se parecem entre si. Este último fato é o mais significativo. Em cada um desses textos, em maior ou menor grau,

encontra-se a idiosincrasia de Kafka, mas, se ele não tivesse escrito, não a perceberíamos; vale dizer, não existiria (BORGES, 2007, p. 98).

Vemos, então, uma complexidade na definição de termos como “contemporâneo”, “precursor” e “atual”. Muitos diriam da atualidade de obras escritas há alguns séculos, isso pode ser analisado a partir de alguns pontos, como a forma como a história é narrada, as características do personagem principal, a temática etc. Aqui pretende-se refletir sobre uma das vertentes da literatura chamada contemporânea: a literatura que dá voz às figuras marginalizadas e que, com isso, mergulha no que Agamben chamou de “trevas do presente”.

Atualmente, muitos são os livros que trabalham com a temática de grupos excluídos da sociedade, e convencionou-se chamar essa literatura de “marginal”. No entanto, há ainda muitas especificações, que vêm desse ramo da literatura ou que tangenciam essa questão. A necessidade de dar voz a pessoas antes invisibilizadas, de tratar de assuntos urgentes, como racismo, violência policial, violência doméstica, desigualdade e pobreza fez com que muitos autores surgissem para escrever sobre quem antes parecia não caber em um livro.

Devido a esse movimento, muitas obras são construídas em torno de personagens femininas, negros e negras, moradores das favelas brasileiras, pessoas em situação de rua, perseguidos políticos: vítimas de uma sociedade excludente e desigual. Pretende-se analisar, aqui, alguns aspectos de duas dessas narrativas. Tentarei estabelecer um diálogo entre o romance *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende, escrito em 2014, e o conto *Joana*, que compõe o livro *Você vai voltar pra mim*, de Bernardo Kucinski, escrito no mesmo ano.

Os autores

Para começar, é preciso fazer uma breve contextualização desses autores. Bernardo Kucinski nasceu em 1937 em São Paulo e sua escrita é marcada principalmente por enredos que se voltam para a ditadura civil-militar que teve lugar no Brasil em

1964. Os livros fazem do autor um contemporâneo indiscutível, pois ele não apenas escreve *na* atualidade, como escreve *sobre* a atualidade e também é dotado de um olhar muito sensível e capaz, como definiu Agamben, de “perceber não as luzes, mas o escuro” do seu tempo.

Kucinski é jornalista e se destacou no meio literário em 2011 ao publicar a obra “*K: Relato de uma busca*”, onde conta a história de um pai que decide procurar pela filha que desapareceu durante a Ditadura. Toda a história remete a acontecimentos familiares, visto que a irmã do autor, Ana Rosa Kucinski, embora não tenha o nome mencionado na obra, possui uma história muito semelhante à da jovem desaparecida.

Maria Valéria Rezende nasceu em 1942, na cidade de Santos (SP), mas passou a maior parte de sua vida na Paraíba. Às vésperas de completar 60 anos, publicou o seu primeiro livro, “*Vasto Mundo*”, e não parou mais. Ambos são, portanto, autores que já começaram a publicar em uma idade madura, com muitas experiências acumuladas ao longo da vida, e conquistaram destaque desde o primeiro livro, por captarem tão bem as mazelas da sociedade atual.

As obras

Entramos, então, nas obras que aqui se configuram como objetos de estudo. *Quarenta Dias* é uma narrativa extremamente envolvente, escrita em forma de diário, mas não de maneira tradicional: os dias não são marcados por datas, mas sim por citações literárias. A escrita de diário é algo muito recorrente na literatura e esse recurso não foi usado na obra de Maria Valéria por acaso. A personagem do livro, Alice, envolve o leitor ao dialogar com quem ela afirma ter liberdade para contar tudo, de modo sincero e sem segredos. Trata-se de uma interlocutora peculiar, a Barbie, de quem há uma foto estampada no caderno em que são feitos os registros.

O romance carrega uma infinidade de riquezas, e algumas serão apenas mencionadas devido à impossibilidade de esgotar aqui obra tão complexa. Como já mencionado, os dias são marcados por epígrafes e, dessa forma, já temos um grande

número de obras trazidas para dentro do texto por meio de uma intertextualidade clara. Essas epígrafes são citações de autores bastante diversos e cada uma delas é carregada de significado e inúmeras interpretações que podem ser feitas para compreender melhor a história de Alice.

Além disso, poderíamos explorar as características do gênero diário que aparecem na obra e aquelas as quais esperaríamos de um diário, mas não encontramos. Outro aspecto que seria interessante a ser analisado é o diálogo frequente com *“Alice no país das maravilhas”*, de Lewis Carroll. A personagem/narradora se compara à Alice de Carroll em vários momentos.

No entanto, o foco será os trânsitos feitos pela personagem. Alice transita pelos espaços, encontra pessoas que contam suas histórias de vida, enquanto ela própria narra suas experiências e convida o leitor a várias reflexões. Para o que se pretende analisar aqui, cada relato será de extrema importância, visto que o trânsito urbano vai se evidenciando através desses enredos.

A obra *Você vai voltar pra mim*, por sua vez, é uma reunião de contos sobre personagens (fictícios ou não, isso não é explicitado pelo autor) que viveram durante a Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985, oficialmente). O livro recebe o nome de um dos contos, talvez o mais brutal deles, que narra a história de uma prisioneira que tenta escapar das crueldades vividas no cárcere através de um julgamento. Porém, essa moça acaba retornando às mãos de um de seus agressores, de quem havia escutado, no momento de sua saída para o julgamento, a frase que intitula o conto/livro.

A contemporaneidade da obra vai muito além da que pode ser percebida num primeiro momento. Para pensar um pouco a respeito, propus aqui destrinchar um dos contos para pensarmos a respeito das narrativas contemporâneas e de sua estrutura. O conto escolhido foi *“Joana”*.

Joana narra a história de uma mulher que perambula pela cidade com esperanças de encontrar o marido que desapareceu durante a ditadura, décadas depois do fim oficial do regime no país. Ela busca por informações nas ruas e abrigos da cidade, pois

nunca aceitou a perda inexplicada e injustificável do esposo.

A história de Joana pode nos remeter à história de várias outras mulheres que vagueiam pelas obras literárias, como é o caso de Alice, em *Quarenta Dias*. Ambas as narrativas revelam mulheres que se recusaram a aceitar um destino que foi imposto por outrem. Esse será exatamente o ponto de cruzamento entre as narrativas a ser comparado aqui, com o intuito de apontar semelhanças que podem ajudar a compreender melhor as personagens que protagonizam essas histórias.

O Diálogo

No caso de Alice, a filha da personagem faz com que a mãe se mude do nordeste para o sul do país, com o intuito de receber ajuda para cuidar de um filho que desejava ter. Porém, devido a uma sequência de mudanças de planos — a filha, Norinha, decide se mudar para a Europa por ter recebido uma proposta de emprego — Alice se vê completamente sozinha em uma cidade totalmente desconhecida, distante de tudo e de todos que conhecia e poderiam lhe oferecer algum suporte, nesse caso principalmente emocional. Com isso, essa mulher, idosa, ex-professora, nordestina e solitária, decide perambular pela cidade e essa se torna sua vida.

No caminho percorrido pela personagem, o leitor se depara com uma série de histórias de pessoas que vivem à margem da sociedade. Alice passa a ser amparada por pessoas que, assim como ela, estão por alguma situação vivendo nas ruas. No entanto, a protagonista do romance se difere da maior parte dos personagens por ter uma série de “privilégios”, que muitos que dividem os bancos de rodoviária e das praças com ela não possuem: um celular, um cartão de banco, uma casa para onde voltar caso a situação se torne por alguma razão insustentável.

O romance de Maria Valéria Rezende convida o leitor a refletir sobre as diferentes situações que fazem com que pessoas passem a ter locais públicos como moradia. A instabilidade emocional e a necessidade de preencher uma lacuna são algumas das razões que justificam a vida nas ruas. Não se deve desconsiderar os infinitos problemas

sociais e de desigualdade que contribuem para essa realidade, bem como lgbtfobia, dependência química, entre outros. Contudo, o foco aqui é a vida que se constrói nas ruas por algum tipo de escolha.

Assim como Alice, Joana perambula por uma “escolha”. O uso das aspas na palavra “escolha” se justifica pelo fato de não se tratar exatamente de uma situação em que a personagem consiga seguir outro caminho. Há uma necessidade que acompanha as personagens: a necessidade de transitar pelos espaços em busca de alguém.

Alice decide se empenhar na busca por um rapaz de nome Cícero, que ela sequer conheceu, mas que parece se tornar a razão pela qual ela se levanta todos os dias quando o sol se ergue. Dir-se-ia que Joana, por sua vez, faz uma busca compreensível: o marido foi levado de sua casa e nunca mais retornou. Assim, ela precisa sair todos os dias, durante anos, à procura de pistas ou de alguma notícia e, para isso, conversa com todos que encontra pelo caminho, observa rostos e procura algum indício que possa explicar o que aconteceu.

Nesse ponto, as narrativas se cruzam e revelam um aspecto muito presente na chamada Literatura Contemporânea. As duas histórias são protagonizadas por mulheres marginalizadas e que transitam pela cidade, a vagar sem rumo e que contam, a partir dos trajetos percorridos, um pouco sobre as pessoas que habitam esses espaços. Ambas são mulheres idosas, de origem humilde e sem muitos recursos.

Retomo aqui um aspecto muito presente na literatura contemporânea e que podemos perceber nessas duas obras: o trânsito urbano. Muitos autores constroem toda a narrativa a partir do transitar dos personagens pela cidade, como acontece em “*O sol na cabeça*”, de Geovani Martins. Durante esse movimento, o leitor acompanha o personagem, conhece histórias, lugares e parece estar se movimentando junto. Essa característica é um ponto forte da atualidade, pois ela está diretamente ligada a grupos que não possuem um espaço definido, que não possuem, geralmente, um lugar na sociedade, e que se sentem vivendo em um mundo que não lhes pertence.

Em *Quarenta Dias*, a personagem é uma idosa aposentada de uma região do

país extremamente estereotipada: o estado da Paraíba, mas que todos se referem como “Bahia” ou algum outro estado qualquer da região nordeste. Joana é uma mulher também idosa, pobre, que se casou com um homem que fora preso durante a ditadura por participar de um grupo de Ação Popular que organizava operários nas fábricas. A história de Joana ficaria, conforme explicitado pelo próprio narrador do texto, desconhecida, pois “só sabem delas os indigentes, com quem vocês certamente não conversam” (KUCINSKI, 2014).

Para se referir às andanças de Joana, é utilizada a palavra “peregrinações”. Ela é uma mulher que peregrina, porque mais do que caminhar ou procurar pelo marido, ela tem essa tarefa como algo inevitável, uma tarefa que deve ser cumprida por ela, regularmente, mesmo após 26 anos terem se passado desde o desaparecimento de Raimundo, o marido.

Além disso, Joana é descrita também como uma mulher que já havia sido bonita, mas que era “um pouco maltratada pela vida, como toda mulher pobre” (KUCINSKI, 2014). A imagem dessa mulher é cuidadosamente trabalhada para que o leitor possa “ver” essa que é apenas uma “mulher normal”. Temos a descrição de alguém que vivia uma vida comum: católica, mãe, esposa. Em um dia, porém, seu marido é levado e sua vida nunca mais volta a ser a mesma.

A busca incessante pelo marido, vivo ou morto, torna-se, para Joana, uma condição de vida. Sair, perambular, conversar com os moradores de rua e de abrigos da prefeitura é parte da sua rotina, essas são as pessoas com quem ela fala, de quem ouve histórias e para quem conta a sua própria.

Nesse ponto, fica clara a semelhança com Alice, de Maria Valéria Rezende. À procura da própria sobrevivência, buscando algum sentido para a vida, ambas as personagens se envolvem com histórias múltiplas de pessoas que geralmente não estão acostumadas a serem vistas nem ouvidas. A partir da trajetória dessas mulheres, o leitor tem contato com uma parcela bem pequena, mas ainda significativa, do que acontece em lugares que nos parecem “submundos”.

A Ditadura Militar

Embora alguns aspectos da vida de Alice não sejam bem explicados, em alguns momentos são dadas evidências do envolvimento do marido, Aldenor, que desapareceu misteriosamente e a deixou sozinha com a filha, com a luta contra a ditadura. A narradora conta de algumas frases que eram ditas por Aldenor com certa frequência que a deixavam preocupada, sem compreender bem o que poderia estar acontecendo. Ao longo do livro, Alice menciona o marido algumas vezes e conta — sem oferecer ao leitor muitos detalhes — algumas dessas frases as quais não faziam sentido para ela à época. Aldenor pedia para que a esposa não desse notícias dele a estranhos, não telefonasse caso ele não desse notícias por um tempo, etc.

Aqui fazemos novamente um paralelo com Joana: mulheres que ficaram viúvas, mas que nunca receberam o corpo do marido, uma cerimônia para se despedirem ou sequer a confirmação da morte. São exemplos das milhares de famílias que foram destruídas pela perseguição política durante os *anos de chumbo*.

Em seu texto *O direito ao corpo*, Maria Zilda Ferreira Cury comenta sobre a forma como vidas são afetadas quando lhes é tirado o direito ao corpo de seus entes. Para muitos povos e culturas, o momento de despedida faz parte de um ritual sagrado, necessário (tanto para o que parte quanto para os que ficam). Nas histórias aqui analisadas, há claramente representado o vazio deixado pela ausência desse corpo, pois o que fica é o sentimento da impossibilidade de se concluir esse luto, um hiato (CURY, 2020).

CONCLUSÃO

Assim, enfatizo a grande quantidade de elementos que não foram explorados devidamente aqui, mas o critério estabelecido foi fazer análise da contemporaneidade de ambas as obras, fazendo-as dialogar e buscando, para isso, pontos em que se assemelham. Poderiam ser exploradas ainda muitas outras questões, vista a riqueza

imensurável de ambos os livros e essa é uma sugestão para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Editora do Unochapecó: Chapecó, 2009.

BORGES, Jorge Luis. *Kafka e seus precursores*. In: *Outras inquisições*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CURY, MARIA ZILDA FERREIRA. *Non habeas corpus: direito ao corpo na ficção de Bernardo Kucinski*. In: Ginia Maria Gomes. (Org.). *Narrativas Brasileiras contemporâneas: memórias da repressão*. 1ed. Porto Alegre: Polifonia, 2020.

KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MARTINS, Giovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Editora Schwarcz S. A., 2018.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta Dias*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda. 2014.

Contribuição de Autoria

1 – Deisiane Ferreira de Souza

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-8482-9857> • ovaleska@yahoo.com.br

Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

2 – Olga Valeska Soares Coelho

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-8482-9857> • ovaleska@yahoo.com.br

Contribuição: Revisão e edição

Como citar este artigo

SOUZA, D. F. de; COELHO, O. V. S. A literatura contemporânea vista a partir das personagens Joana, de Bernardo Kucinski, e Alice, de Maria Valéria Rezende. **Literatura e Autoritarismo**, n. 43, p. e74410, 2024. DOI: 10.5902/1679849X74410. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/74410>. Acesso em: dia mês abreviado ano.